

Era uma mosca azul, asas de ouro e granada,
filha da China ou do Indostão,
que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia,
refulgindo ao clarão do sol
e da lua – melhor do que refulgiria
um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,
um poleá lhe perguntou:
“Mosca, esse refulgir, que mais parece um sonho,
dize, quem foi que to ensinou?”

Então ela voando, e revoando, disse:
– “Eu sou a vida, eu sou a flor
das graças, o padrão da eterna meninice,
e mais a glória, e mais o amor”.

E ele deixou-se estar a contemplá-la, mudo,
e tranqüilo, como um faquir,
como alguém que ficou deslumbrado de tudo,
sem comparar, nem refletir.

Entre as asas do inseto, a voltar no espaço,
uma cousa lhe pareceu
que surgia, com todo o resplendor de um paço,
e viu um rosto, que era o seu.

Era ele, era um rei, o rei de Caxemira,
que tinha sobre o colo nu,
um imenso colar de opala, e uma safira
tirada ao corpo de Vischnu.

Cem mulheres em flor, cem nairs superfinas,
aos pés dele, no liso chão,
espreguiçam sorrindo as suas graças finas,
e todo o amor que têm lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem etíopes feios,
com grandes leques de avestruz,
refrescam-lhes de manso os aromados seios,
voluptuosamente nus.

Vinha a glória depois; – quatorze reis vencidos,
e enfim as páreas triunfais
de trezentas nações, e os parabéns unidos
das coroas ocidentais.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto
das mulheres e dos varões,
como em água que deixa o fundo descoberto,
via limpos os corações.

Então ele, estendendo a mão calosa e tosca,
afeita a só carpintear,
com um gesto pegou na fulgurante mosca,
curioso de a examinar.

Quis vê-la, quis saber a causa do mistério,
e, fechando-a na mão, sorriu
de contente, ao pensar que ali tinha um império,
e para casa se partiu.

Alvorçado chega, examina, e parece
que se houve nessa ocupação
miudamente, como um homem que quisesse
dissecar a sua ilusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ela
rota, baça, nojenta, vil,
sucumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquela
visão fantástica e sutil.

Hoje, quando ele aí vai, de aloé e cardamomo
na cabeça, com ar taful,
dizem que ensandeceu, e que não sabe como
perdeu a sua mosca azul.

A Mosca Azul, *Joaquim Maria* Machado de Assis (1839/1908).

Kigos para os três haicais a serem enviados

Até o dia 10.07.97:
Camélia, Grilo, Quadrilha;

até o dia 10.08.97:
Folha Seca, Frente Fria, Gatinho (filhote).

Fazer um haicai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos). O haicai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo (termo da estação), com 5-7-5 sílabas em cada um dos respectivos três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
Rua Mário de Andrade 100, Apto. 133
01154-060 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. * Enviá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do mesmo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais.
2. Posteriormente, o haicaísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicaísta se compromete a enviar numa folha, até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente: o nome do haicaísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro e centralizado, o número e o texto de cada haicai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado em meados do dia 10 do mês seguinte.

**Formigas em fila
levando folhinhas verdes:
pe
Dia do Trabalho.**
Djaldia Winter Santos

**Debaixo do arbusto
a codorna encontra um ninho:
ça
ovinhos de Páscoa.**
Darly A. de Oliveira Barros

**Dia do Trabalho.
O lavrador comemora
de enxada na mão.**
Sérgio Bernardo

**Avizinha ao lado,
faz o café, logo cedo.
Aroma invasor.**
Maria Reginato Labruciano

**Dia do Trabalho!
E na lida o mutirão
assenta tijolos...**
Darly A. de Oliveira Barros

**Cozinha na roça:
café quentinho na trempe
E broa na mesa.**
Sérgio Bernardo

**Apita a chaleira.
o aroma traz a lembrança
Do café, na infância!**
Hermoclydes Siqueira Franco

**Narizes de guache
e orelhas de cartolina...
É Páscoa na escola!**
Sérgio Bernardo

**Almoço de Páscoa
a criança empurra o prato
Só quer chocolate.**
Alba Christina Campos Netto

**Ramagem curvada,
café vermelho no pé...
– Fazenda animada.**
Fernando Lopes de Almeida Soares

**Dou-lhe tudo do que como,
e ela me exige o último gomo.**

**Dou-lhe a roupa com que me visto
e ela me interroga: só isto?**

**Se ela se fere num espinho,
o meu sangue é que é o seu vinho.**

**Se ela tem sede eu é que choro,
no deserto, para lhe dar água:**

**e ela mata a sua sede,
já no copo de minha mágoa.**

**Dou-lhe o meu canto louco; faço
um pouco mais do que ser louco.**

E ela me exige bis, “ao palco”!

Canção para Poder Viver,
Cassiano Ricardo *Leite* (1895/



Belmiro Braga nasceu no Distrito de Vargem Grande, perto de Juiz de Fora, MG, a 07.01.1872 e faleceu em Juiz de Fora a 31.03.1937. Belmiro Braga é, hoje, nome de cidade em Minas Gerais.

O poeta em foco foi comerciante, tabelião, político e, acima de tudo, um excelente cultor da trova. Foi trovador emérito, em todos os gêneros dessa forma de poesia, criando antológicas trovas líricas, filosóficas, satíricas e humorísticas. Era ótimo, como por exemplo:

**As almas de muita gente
são como o rio profundo:
– a face tão transparente...
e quanto lodo no fundo!**

**Fiz na vida o meu escudo
desta verdade sagrada:
– o nada com Deus é tudo
e tudo sem Deus é nada!**

“Montesinas”, lançado em 1902, foi o seu primeiro livro de poesias. Daí para frente, publicou inúmeras obras, jamais se esquecendo das trovas. Colaborou com jornais do Rio, Belo Horizonte, Juiz de Fora, etc..

De seus poemas, compostos em versos setissilábicos, podiam ser retiradas trovas perfeitas, com começo, meio, fim e sentido completo, tais como:

**Quantas vezes tenho ouvido,
brasa,
“como ele ri de prazer!”,
quando esse riso é um gemido
que aos lábios me vem morrer...**

**Nosso amor, que ardia em
foi morrendo de mansinho,
e entre a minha e a tua casa
mal se descobre o caminho...**

Às vezes ele *alfinetava* as mulheres:

**O que perdemos na vida
acho
procuramos sem achar
exceto a mulher perdida
que achamos sem procurar.**

**Quando a mulher quer, eu
que nem Deus a desanima:
– é água de morro abaixo,
é fogo de morro acima!**

Contam que um jovem foi pedir a mão de uma moça em casamento e foi mal recebido pelo pai da “futura esposa”, sendo tocado a pontapé pelo pretendido sogro. Belmiro Braga escreveu esta trova genial:

**O Geraldo Quintanilha
de minha mente não sai:
– foi pedir a mão da filha
e levou o pé do pai.**

Satirizou políticos desta forma:

**Polítiques... que súcia!
Segundo a lei de *Laváter,
o que lhes sobra em astícia
é o que lhes falta em caráter!**

Ao criticar um livro de um jovem poeta, pródigo em versos pernósticos, foi terrível e ferino:

**Recebi de um jovem barão
uns versos nefelibatas
de quatro pés, que não tardeo
chamá-los... de quatro patas.**

**Ao lê-los a gente fica
pensando, e afinal descobre
que é sempre uma rima rica
que veste uma idéia pobre.**

Belmiro Braga era simples e genial. Es uma trova com “rimas pobres”... e que recado!

**Quis a sorte que eu te visse,
quis o amor que eu te adorasse,
quis o dever que eu partisse,
quis a paixão que eu ficasse.**

Tarefa difícil é escolher as melhores trovas de Belmiro Braga, pois encontramos pérolas como estas:

**Coração de coração
quando quer bem, faz assim:
põe nas arestas de um não
toda a pelúcia de um sim!**

**Mãe!... Acima, bem acima
do céu te devemos pôr,
pois teu nome não tem rima
Nem limite o teu amor.**

**Muitas vezes imagino,
nos meus dias desolados,
que o meu coração é um sino
dobrando sempre a finados!**

**Num tronco seco, sem vida,
minha mão teu nome abriu
e o tronco seco, em seguida,
reverdeceu e floriu!**

Belmiro *Ferreira* Braga foi, como dissemos, um astro na poesia e em todos os gêneros da trova. Dele, disse J. G. de Araújo Jorge:

**Fez trovas como que ri,
chora, canta ou roga praga.
Troveiro igual nunca vi:
Belmiro Ferreira Braga.**

* João Gaspar Laváter (1741/1801), filósofo, poeta e teólogo suíço protestante. Inventor da fisiognomonia, corrente filosófica (arte de julgar o caráter das pessoas pelos traços do rosto).

Resumo da palestra feita na reunião de 10.05.97 da União Brasileira dos Trovadores – Seção São Paulo, SP, no Clube Português de São Paulo, pelo trovador Héron Patrício.

Bibliografia: J. G. de Araújo Jorge e Luiz Otávio, 100 Trovas de Belmiro Braga. Outros.

⊗ QUEM É QUEM NA GUERRA DAS RUAS ⊗
(Uma visão bem-humorada dos tipos no trânsito)



IDOSO

Ao contrário do vinho, quanto mais velho o motorista, pior para o trânsito. É preciso atenção e muita paciência quando se depara com esses senhores de chapéu e senhoras de rosto grudado no pára-brisa.

Nunca se sabe o que eles farão na rua – nem mesmo se, finalmente, trocarão de marcha.

O idoso jamais corre (alguns nem andam) e nunca vê o que se passa ao lado ou atrás do seu carro. Só olha para a frente. Mesmo quando dá ré.

JOVEM

É o mais impetuoso dos tipos no trânsito. Costuma confundir semáforos com largadas de Fórmula I e é incapaz de ser ultrapassado sem brigar pela posição. Imprudente, tem a grande capacidade de fazer besteiras e nenhuma de admiti-las.

Sua maior característica, no entanto, é a velocidade: abaixo dos 50km/h, só dentro da garagem de casa.

Para o jovem, as regras existem para serem quebradas. Ainda que ele se quebre junto com elas.

O ADULTO

É o mais equilibrado dos motoristas. Costuma dirigir como quem escova os dentes: automaticamente.

Acha que já viveu todo tipo de experiência no trânsito e, por isso, relaxa ao volante. Às vezes, até dorme.

Os homens são mais desatentos. Dirigem pensando na vida e, assim, acabam ficando sem ela.

Indecisão é a característica das mulheres. Entre ver o sinal ou dar seta para o lado da curva, algumas optam por sintonizar o rádio.

Anônimo (?)

Chora não sei que mal
como chove na rua;
que lânguida emoção
me invade o coração.

Ó frio murmúrio,
nas telhas e no chão!
Para um coração vivo,
ó aquele murmúrio!

Chora não sei que mal
meu coração cansado.
Um desengano? – Qual!
É sem causa este mal.

É a maior dor – dói tanto –
Não se saber porquê.
Sem ódio ou amor, no entanto,
O coração dói tanto.

Arieta, Paul Marie Verlaine (1844/1896),
trad. Guilherme de Andrade e Almeida (1890/1969)

I

Você sabe de onde eu venho
venho do morro, do engenho,
das selvas, dos cafezais,

da boa terra do coco,
da choupana onde um é pouco,
dois é bom, três e demais,
venho das praias sedosas,
das montanha alterosas,
do pampa, do seringal,
das margens crespas dos rios
dos verdes mares bravios
da minha terra natal.

Estribilho:

Por mais terras que eu percorra,
não permita Deus que eu morra
sem que volte para lá;
sem que leve por divisa
esse “V” que simboliza
a vitória que virá;
Nossa Vitória final,
que é a mira do meu fuzil,
a razão do meu bernal,
a água do meu cantil,
as asas do meu ideal,
a glória do meu Brasil.

II

Eu venho da minha terra,
da casa branca da serra,
e do luar do meu sertão;
venho da minha Maria
cujo nome principia
na palma da minha mão.
Braços mornos de Moema,
lábios de mel de Iracema
estendidos para mim.
Ó minha terra querida
da Senhora Aparecida
e do Senhor do Bonfim!

Estribilho

III

Você sabe de onde eu venho
é de uma Pátria que eu tenho
no bojo do meu violão;
que de viver em meu peito
foi até tomando jeito
de um enorme coração.
Deixe lá atrás meu terreiro
meu limão, meu limoeiro,
meu pé de jacarandá,
minha casa pequenina
lá no alto da colina
onde canta o sabiá.

Estribilho

IV

Venho de além desse monte
que ainda azula o horizonte,
onde o nosso amor nasceu;
do rancho que tinha ao lado
um coqueiro que, coitado,
de saudade já morreu.
Venho do verde mais belo,
do mais doirado amarelo,
do azul mais cheio de luz,
cheio de estrelas prateadas
que se ajoelham deslumbradas,
fazendo o sinal da Cruz!

Estribilho

Canção do Expedicionário, Guilherme de Andrade e Almeida (1890/1969)

La canción,
que nunca diré,
se há dormido en mis labios.
La canción,
que nunca diré.

Sobre las madre selvas
había una luciérnaga,
y la luna picaba
con un rayo en el agua.

Entonces yo soñé,
la canción,
que nunca diré.

Canción llena de labios
y de cauces lejanos.
Canción llena de horas
perdidas en la sombra.

Canción de estrella viva
sobre un perpetuo día.

Verlaine, Frederico Garcia Lorca (1890/1936)